

RESENHA

LÓPEZ FÉREZ, Juan Antonio, ed. 2015.
Galeno, Lengua, composición literaria, léxico, estilo.
Madrid: Ediciones Clásicas.

RODOLFO JOSÉ ROCHA RACHID*

Universidade de São Paulo

D.O.I. 10.11606/issn.2358-3150.v18i1p173-187

REALIZADAS EM MADRI, NA UNIVERSIDADE NACIONAL DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA (UNED), em fins de outubro de 1999, com a participação de vinte e dois estudiosos na obra de Galeno, em particular, e na medicina grega, em geral, as VII Jornadas Internacionais *Estudios atuais sobre textos gregos* resultaram no livro *Galeno, Língua, composição literária, léxico, estilo*, constituído em torno desses quatro eixos temáticos e organizado pelo Prof. Juan Antonio López Férez, do Departamento de filologia clássica da UNED, que já nos ofertara anteriormente a edição de *La Mitología clásica en la literatura española. Panorama diacrónico*¹ e sua obra *La tradición clásica em Antonio Buero Vallejo*,² havendo tido o privilégio de resenhá-las neste espaço. O livro contempla, por meio de finas e argutas análises filológicas, linguísticas, literárias, estilísticas, históricas e filosóficas, a vasta produção do médico de Pérgamo, inserindo-a no extenso debate com a tradição médica, filosófica e retórica grega e com seus coetâneos, participantes da profícua revivescência da cultura grega na Roma imperial.

A primeira seção da extensa obra é dedicada à língua, em que Antonio Lillo, no estudo preliminar, denominado *Aspectos Sintácticos de la lengua de Galeno*, salienta a escassa referência ao médico nos compêndios da língua grega, já que à interpretação da prosa científica de Galeno, manifesta na

* Doutor em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (2008).

** Artigo recebido em 05.ago.2015 e aceito para publicação em 31.out.2015.

¹ *Letras Clássicas* 10:255–60.

² *Letras Clássicas* 12:291–5.

clareza de sua expressão textual em face dos artifícios retóricos da Segunda Sofística se sobrepõe o entusiasmo pelos textos literários que exploram a riqueza estilística da oratória. Se, de um lado, a língua do discurso retórico emprega uma variedade de registros e recursos linguísticos, a linguagem técnico-científica, de outro, visa se aproximar, pelo próprio efeito ilocucionário, da língua falada na época, uma vez que esses textos científicos proporcionavam um interesse mais imediato pela utilidade de sua informação e pela sua consequente aplicação. À medida que se procede ao escrutínio das formas de expressão linguísticas correlatas à retórica e ao *lógos* científico, afere-se uma tênue distinção entre a *koiné*, relativa à *Umgangssprache*, e o ático, evidenciando as prováveis imbricações entre esses registros aparentemente culto e coloquial. Partindo do *corpus Aristotelicum*, o autor assinala a incorporação da linguagem coloquial pelo Estagirita na formulação de seus tratados, sem se confundir, porém, com a *koiné*, evidenciada no uso do verbo *deíknumi* e de suas completivas como *hóti*, *hōs*, *ei* e *dióti*. Lillo atesta ser correto pensar, de acordo com o modelo aristotélico de linguagem, que o estudo dos aspectos sintáticos da língua de Galeno pode se revelar útil para a caracterização da língua e do estilo deste autor, sendo “o melhor reflexo do que se considera a *Umgangssprache* dos *pepaideuménoi* da época” (p. 13). A língua de Galeno é considerada um tipo de prosa que não pretende ser artística no sentido retórico, servindo-se de uma *koiné* não afastada da língua de sua época, em função dos destinatários de seus textos, de sorte que como *pepaideuménos* intenta utilizar uma *koiné* culta.

Retomando as correlações entre a *koiné* e o ático, José Vela Tejada em *Koiné y aticismo: pautas de análisis lingüístico en Galeno, de Antidotis* insere sua vasta obra no contexto marcado por essas duas tendências dominantes: de um lado, a *koiné*, que, a partir do jônico-ático elevado e do correspondente processo de formalização e regularização, havia sido assimilada ao padrão coloquial da língua, de outro, o aticismo, reação a esta suposta vulgarização e coloquialização, que pretende ser a conformação da variedade elevada, literária, fomentada por uma nostálgica recordação de uma época áurea, já outrora perdida, da língua e literatura gregas. Tejada atesta diversas formas nominais que evidenciam traços aticizantes, dentre as quais se destacam a presença do grupo -ττ- em face de -σσ-, forma jônica própria da *koiné*, podendo-se observar, por exemplo, que *thálassa* aparece em dez registros, ao passo que a forma -ττ- em seis. No que concerne ao sistema verbal se afere uma maior recorrência de usos aticizantes como a presença da terceira pessoa do plural dos perfeitos *tethéatai* e *ektéatai*, não obstante seus antecedentes remontarem mais ao jônico literário do que ao próprio ático. O tratado *de Antidotis*, composto de dísticos elegíacos, exemplifica a alternância de jonismos com variantes áticas, pois não é de se estranhar a presença de jonismos

em autores aticizantes, sendo um traço distintivo de testemunhos literários, em prosa e em verso, especialmente no drama, da primígena *koiné* dos séculos v e iv a.C., configurando uma nova variante elevada ática mediante um processo de jonicização do dialeto autóctone, de sorte que o autor infere que Galeno se exprime em uma língua inscrita iniludivelmente na *koiné* grega, com o predomínio de usos próprios desta variante como o regime preposicional, pronominal e modal, ensejando menos possibilidade para o emprego artificial e retórico de influência literária. Tejada compartilha a perspectiva de Lillo de que as duas variantes linguísticas e literárias gregas da época da Segunda Sofística, a popular e a aticista, não configuram compartimentos estanques, à medida que se verifica nos autores da época imperial o convívio “da prosa mais rigorosa de estrito cunho ático com expressões próprias da língua comum em seu nível cultural mais baixo e com numerosos jonismos e poetismos” (p. 40).

Amneris Roselli expõe em *L'ambiguità dei testi scritti: il De Captionibus e I Commenti Ippocratici* a relevância dos escritos exegéticos na profícua produção de Galeno, aferidos nos *hypomnēmata* de Hipócrates e Platão, especialmente em *Sobre os elementos segundo Hipócrates* e *Sobre as partes médicas do Timeu*, único texto supérstite do vasto *corpus* do médico de Pérgamo sobre o filósofo ateniense. Atesta-se na obra *De Captionibus* uma breve *pragmateia* autônoma, na qual Galeno discute a parte do *Sophistici Elenchi* de Aristóteles dedicada ao sofisma *parà tèn léxin*, permitindo-lhe, pela exegese do texto aristotélico, instituir sua exposição da ambiguidade linguística. Da inovação introduzida por Galeno em relação à doutrina exposta por Aristóteles nas *Refutações Sofísticas* há uma ampla bibliografia que se atém ao empenho contínuo do pergamense, exegeta e autor de obra científica, em eliminar toda forma de ambiguidade e vagueza do discurso científico, buscando a clareza assim como a univocidade do texto. Destacam-se seis sofismas *parà tèn léxin*, coligidos do tratado do Estagirita, divididos em dois grupos; de um lado, há os sofismas em que se revela a ambiguidade de um único *onoma* ou de um único *lógos*, sendo a homonímia, a anfibologia e a forma da expressão, de outro, há aqueles em que há dois significantes, havendo confusão linguística, sendo os sofismas por combinação, divisão e por acento ou ênfase.

Na segunda seção dedicada à composição literária, Pilar Colera Boned demonstra em *Teorías sobre la reproducción: consideraciones acerca del contenido y la composición del De Semine de Galeno* a relevância dessa obra (*Peri spérmatos*, em grego) para a crítica das ideias sobre a reprodução de Aristóteles e de alguns filósofos e médicos peripatéticos, ressaltando à luz das práticas empíricas a inadequação e incongruência de determinadas teses aristotélicas. Evidenciam-se nos primeiros escritos galênicos sobre os órgãos reprodutores e sua função, particularmente no tratado primevo *De uteri dissectione*, a reme-

tência a autores como Hipócrates, Aristóteles, Hierófilo, assim como Diocles, Evenôr, Eurifonte, Nicarco, Praxágoras e Filótimo. No *De Semine* as ideias de Aristóteles, especificamente no tratado *De generatione animalium*, e as concepções de Hipócrates, prevalentemente o *De natura pueri* e *De mulierum affectibus*, revelam-se profícuas, seja para aderí-las seja para objetá-las, uma vez que sua descrição da anatomia dos órgãos sexuais e da natureza do processo reprodutivo é tributária menos de Hipócrates e Platão e mais de Aristóteles e Herófilo, defendendo, concernente à embriologia, a teoria epigenista propugnada pelo Estagirita, de acordo com a qual o desenvolvimento embrionário procede por aparição sucessiva e ordenada de qualidades configuradoras, moldando o embrião, ante a teoria performacionista do *corpus* hipocrático, professando que o desenvolvimento embrionário advém, por crescimento quantitativo, de uma semente semelhante a um indivíduo minúsculo pré-formado, anuindo também com Aristóteles no que tange à concepção de que a natureza prepara o corpo para acomodar os traços e faculdades da alma. Devido ao triunfo da filosofia aristotélica, vinculada à sua concepção biológica, a teoria epigenista se impôs ao mundo culto da Antiguidade, mas a querela entre ambas correntes embriológicas se manteve até o século XVIII. Referente ao método compositivo do tratado, Galeno emprega a mesma técnica descritiva, que consiste em expor as premissas aristotélicas sobre determinado assunto concreto para então discutí-las pormenorizadamente, como é o caso da função do sêmen, entendida, pelo Estagirita, como causa eficiente e, por Hipócrates, tanto como causa material quanto como eficiente.

Em *Estudio formal del tratado sobre las diferencias de los síntomas* Dolores Lara Nava intenta analisar o escrito galênico do ponto de vista tanto formal quanto de conteúdo, privilegiando os elementos estruturais que visam elucidar sua composição literária, de sorte que se afere no plano compositivo do texto três partes definidas, correlatas ao (I) prólogo, enunciando o tema e preparando-o, ao (II) núcleo que desenvolve o tema e argumenta a tese e ao (III) epílogo, reiterando e exortando a reflexão de novos aspectos do assunto. No prólogo, Galeno expõe o escopo da obra, remetendo a comentários prévios que definem as espécies e os gêneros das enfermidades e suas etiologias, a fim de realizar um tratado pormenorizado sobre as *diáthesis* não naturais, priorizando a importância da oposição aristotélica *katà genē/kat' eidē* para a perfeção da taxonomia. Composto de quatro partes, o núcleo da obra, cuja organização interna é econômica, se inicia com um preâmbulo, em que a meta consiste no discrimine dos sintomas gerais e específicos, relativos às disposições (*diátheseis*) corporais, aos danos funcionais e àquelas advenientes de ambos. Na primeira parte, considerada mais extensa e argumentativa, se verifica a minudência dos sintomas, entendidos, de um lado, como lesões em suas distintas funções e, de outro, como total ausência de funcionamento,

utilizando, no plano formal, um amplexo de recursos como a exortação a fim de proferir o detalhamento dos danos funcionais, o emprego de *khṛé* e infinitivo a indicar a *protrep̄sis* como figura retórica, de sorte que na segunda parte se estipulam os sintomas constituintes das *diátheseis* corpóreas, enquanto na terceira parte, avaliada como de menor sistematização formal em face das anteriores, se analisam as excreções corporais e a sua retenção de humores *contra natura*. Por fim, o epílogo retém certos elementos formais presentes nas seções prévias como o uso da “*protrep̄sis* de *khṛé* e infinitivo, forma verbal ligada ao perfeito impessoal *epidēdeiktai*, repetição da palavra chave *sumptō-mátōn* e menção expressa a ‘concluir o escrito’” (p. 69).

Em *Galeno e i tragici greci* Alessia Guardasole reconstitui os comentários do médico e gramático sobre as descrições dos estados de alma, presentes nos textos trágicos, conhecendo-os senão por via indireta mediante antologias e *florilegia*. Da obra galênica, o *De placitis Hippocratis et Platonis* visa a transmissão da maior parte das citações trágicas, procedendo à crítica da fenomenologia das paixões dos heróis trágicos, tal como formulada pelos estoicos, notadamente Crisipo, mas também Posidonio. Na *Medeia*, Eurípides representa a personagem como dotada de temperamento melancólico e, por consequência, irascível, de modo que a invectiva de Galeno ao tragediógrafo repousa no fato de que Eurípides a descreve como “exemplo de gente bárbara e sem cultura” (p. 78), em que a ira sobrevém à vontade (*thumós dē kreittōn tōn emōn bouleumátōn*). Retomando a tripartição da alma platônica, atestada em *República* III, o poeta descreve a *psykhé* da heroína composta de *epithumetikôtatēn*, *thumikôtâtēn* e *logísasthai deinēn*, correlatos, respectivamente, à alma desiderativa, à alma timocrática ou colérica e à alma dianoética ou racional. Na *Medeia* eurípidea é evidente que o poeta, assim como no caso de Penteu das *Bacantes*, descreve o personagem da heroína como uma mulher de temperamento melancólico e, por conseguinte, irascível.

A relevância da obra platônica nos tratados do médico é também explicitada por Teun Tieleman em seu texto *Galen, De Placitis Books iv and v: Questions, Options and Authorities*, pois em *De Placitis* Galeno anui com as questões filosóficas e médicas defendidas por Hipócrates e Platão no que tange à alma (livros I–VI), à virtude moral (VII), aos elementos físicos (VIII) e, por fim, ao método de investigação científica (IX), rejeitando determinadas teses propugnadas pelos estoicos, excetuando Posidonio, e, em menor escala, Aristóteles e os cientistas médicos Praxágoras e Erasístrato. Galeno formula seu raciocínio, respeitando, de acordo com Tieleman, os gêneros dialético e retórico antigos da tese, i.e., a questão teórica (*thésis*, em latim, *quaestio*), definida previamente por Aristóteles nos *Tópicos*, em que uma questão é um modo de se obter uma conclusão mediante opiniões aparentemente contraditórias (no caso, as lides platônica, aristotélica e estoica acerca do estatuto

ontológico da alma), tendo exercido considerável influência nas épocas helênica e da Roma imperial. Galeno a emprega a fim de definir a localização das potências psíquicas, tendo atribuído a Hipócrates a determinação da alma tripartite platônica, uma vez que ambos localizam a parte regente da *psykhé* (*hegemonikón*), identificada à parte racional, no cérebro, desconsiderando-o como sede das emoções. Localizando certas paixões (*pathémata*) no coração, a tradição doxográfica, coligindo os *lógoi* platônico, estoico e aristotélico, reforça a clássica dicotomia entre os aspectos racional e apetitivo da alma (p. 97). De acordo com Galeno no *De Placitis*, Platão professa que as formas (*eidē*) da alma são separadas por sua localização no corpo, diferenciando-as em essência, tendo-as denominado retamente formas e partes (*eidē te kai mérē*), Aristóteles e Posidonio não as compreendem como formas ou partes, mas sim como potências (*dunámeis*) de uma essência (*miās ousías*) situada no coração (*ek tēs kardías*), enquanto Crisipo não apenas subsume cólera (*thumós*) e desejo (*epithumía*) em uma essência (*ousía*), mas também em uma potência (*dúnameis*). Cotejando as perspectivas dos mencionados filósofos, Galeno emprega o método da divisão ou *diáiresis* como procedimento argumentativo.

Em *Mitema Poético frente a physis: el mito de los centauros em De Usu Partium de Galeno* Manuel Cerezo Magán dá a conhecer o uso do símile paradigmático, recurso platônico precípua, a fim de evidenciar uma ideia, especificamente para expressar as maravilhas da *physis*, como as marionetes, o trirreme, a carruagem alada e os centauros. O tema do centauro como elemento mítico recorrente no texto galênico devém da assertiva de que o homem é considerado (I) um animal sábio, inteligente e, por conseguinte, distinto dos outros animais, (II) dotado de mãos como testemunho evidente dessa sabedoria e (III) possuidor de posição bípede e erétil, inferindo, assim, a analogia com a citada figura mitológica. Respeitando a preceptiva platônica, o discurso mítico interrompe momentaneamente o explanar do *lógos* científico, dando certo respiro à mente do receptor que, com as auras de uma nova mensagem mitêmica se ilumina, preparando-se para a apreensão da verdade, de modo que o *lógos* e o *mito* são elementos, de acordo com Magán, que se complementam e se compenetraram. Retomando a citação de Píndaro em *Pítica* II sobre o nascimento dos centauros, Galeno se apropria do mito, em seu *chiaroscuro* e com os tons contrastantes, a fim de reiterar sua tese primígena de que a melhor obra da *physis* é o homem, cuja feitura e confecção comprovam seu engenho em face do artifício, demonstrando, adverso ao mitema, que as essências do homem e do animal são imiscíveis. Para Magán, o mito postula sua própria lógica construída sobre determinados elementos sociais, sincrônicos e diacrônicos, produzindo-se e se reproduzindo em certo entorno natural. Se Píndaro como poeta deve ser hineado por narrar mitos, já que a musa poética necessita, entre vários ornamentos próprios, da admiração (*toû*

thauímatos), Galeno lhe reprova a pretensa sabedoria, à medida que recusa a licença poética do intercurso sexual entre um homem e as éguas da Magnésia, originando animais híbridos, mistos de homens e cavalos (*hyppoánthropoi*), referentes aos centauros, sendo, para o médico, o contraponto do que não é natural. Retém-se a ideia protagórica, atestada no *Protágoras* de Platão, de que cada espécie tem o que lhe corresponde para sua própria superveniência, expressada no começo de *De usum partium* de Galeno. A leitura do mito protagórico aferida em Platão sobre a distribuição insensata das virtudes por parte de Epimeteu está presente, de modo que o mito pindárico sobre os centauros é permeado pelo correspondente protagórico como elemento de vigor argumentativo a fim de revelar o fio lógico, tanto, da superioridade do homem no plano da *phýsis*, quanto da previsão e consequente justiça da natureza, *topos* considerado recorrente no corpo hipocrático. A natureza, de acordo com Galeno, é algo belo e perfeito, filosoficamente divino, atuando como bom demiurgo (*dēmiourgós*), cuja demiurgia, no nível dos artefatos, se estende à composição da tragédia, de sorte que a prevalência do homem em face dos outros animais se deve ao fato não somente de possuir mãos, tal como presume Anaxágoras, mas, sobretudo, como infere Aristóteles, razão (*lógos*).

Na terceira seção relativa ao léxico, Francisco Cortés Gabaudan em *Pervivencia actual del vocabulario* médico de Galeno reconstitui a permanência do vocabulário médico grego no léxico atual, aferido no *Dicionário da Academia Real espanhola*. Podem-se estabelecer, conforme Gabaudan, dois grupos na evolução dos términos médicos gregos antigos até a modernidade; de um lado, há palavras que pertencem à língua desde a Antiguidade, tendo sido incorporadas ao vocabulário médico latino e assim ao castelhano, de sorte que os términos de origem grega do *Dicionário de textos médicos antigos* se relacionam a este grupo, de outro, há palavras incluídas pelos médicos a partir da leitura dos tratados antigos, verificadas no Renascimento e propriamente nos séculos XVIII e XIX.

Françoise Skoda em *La reflexión de Galeno sobre el léxico griego y el interés que ofrece a la lingüística moderna* salienta a multifária formação de Galeno em medicina, filosofia, matemáticas e lógica, tendo legado uma obra de lexicografia. Pensando a medicina e a filosofia como termos indissociáveis, o médico de Pérgamo retoma a arte platônico-aristotélica da definição a fim de constituir uma lexicologia ausente de ambiguidade e vagueza, aferindo-se a frequência do vocabulário da designação nos tratados científicos, de modo que ónoma e sua forma verbal *onomádzō* (nomear), atestados cinco vezes em dez linhas numa passagem do *De locis affectis*, IV, 6, intervêm reiteradamente na obra galênica, verificando-se *kaleîn* (chamar), *légein* (dizer), *prosagoreúein* (designar). Galeno ressalta, em sua análise lexicológica, o estilo de Homero, contrapondo à dicção homérica a de Eurípides, estatuindo

uma comunidade estilística entre o texto épico e a língua hipocrática. Buscando a origem do substantivo *prónoia* (previsão, prognóstico), indica sua primeira aparição na forma verbal homérica *pronoêsai* (*tó te pronoêsai rêma par' Homêrō*), acentuando, também, que, a partir de Platão (*apò Plátōnos*), se emprega o término *diaphragma* para designar o que os antepassados (*hoi pallaioi*) designavam *phrén*.

Véronique Boudon em *La notion d'aeipatheia dans la pathologie de Galien* visa circunscrever o referido conceito, entendido como mal perpétuo em oposição à *hygieia* (saúde), cuja ocorrência é rara, sendo ausente no *Dicionário Bailly* e presente em uma única linha da *Arte médica* do médico de Pérgamo no *Dicionário Liddell-Scott-Jones*. Porém, o *Thesaurus* registra seis aparições de *aeipatheia*, adstritas ao *corpus* galênico, duas vezes em *Sobre a conservação da saúde* e em *Arte médica*, uma vez em *Sobre os temperamentos* e *Sobre os dias críticos*, de modo que Boudon investiga em cada um desses tratados como Galeno define a supramencionada noção. Em *Sobre os temperamentos* o substantivo *aeipatheia* se relaciona à *krasis* dos alimentos, constituinte dos temperamentos, já que os alimentos, tendo sido ingeridos, exercem ou sofrem uma ação no interior do corpo humano, alterando seu temperamento, movimento análogo, para o médico, retomando o poeta épico Chérilos de Samos, ao ímpeto de uma gota d'água sobre a rocha, porquanto em ambos os casos o metabolismo não é imediatamente apreendido pelos sentidos. A doutrina da *aeipatheia* (*tò tês aeipatheías dógma*) põe em relevo, pautada em demonstração sólida (*hyschuràn échei tèn apódeixin*), a fiabilidade e a veracidade do testemunho dos sentidos em face de uma realidade que lhe é inacessível, porque há na natureza dos fenômenos, inapreensíveis pela percepção imediata, uma razão lógica. Se tanto a medicina galênica quanto a hipocrática se baseiam na prática médica sobre os fenômenos observáveis, poderíamos dizer, sobre uma fenomenologia, Galeno propugna uma medicina racional, para além da dicotomia reiterativa entre *theoria* e *práxis*, a qual é regida pela *recherche* empírica ligada, não obstante, a procedimentos teóricos de uma filosofia médica, circunscrita à antropologia dietética, consoante à teoria da demonstração.

Em *Patología de la Voz en Galeno* Ignacio Rodríguez Alfageme investiga as diferentes manifestações patológicas relacionadas à voz e à fala, uma vez que esses transtornos patológicos constituem em Galeno um campo bem delimitado, havendo um tratado específico perdido, *Peri phōnês*, reconstituído por Hans Baumgarten (1962) a partir de citações em outras passagens do *corpus*, correlatas ao pseudo galênico *De voce et anhelitu*, aos fragmentos de transmissão indireta e aos *excerpta* deste tratado. O médico de Pérgamo contrapõe, previamente, voz e fala, anuindo que a voz devém dos órgãos fonadores, enquanto a fala dos órgãos de pronúnciação (*orgánōn dialektikôn*), empregando, por vezes, *phōnê* como termo genérico para designar a fala,

revelando a herança tanto da medicina alexandrina e de seus avanços no estudo da anatomia quanto do *Corpus Hippocraticum*, além dos seus próprios resultados obtidos em sua prática empírica.

Em *Histoire du Mot haimalōps d'Hippocrate à Galien et à la médecine tardive: contribution à l'étude des dérivés en -αλ – de la famille de haïma et des termes techniques en -ωψ* – Jacques Jouanna propõe reexaminar os problemas linguísticos e semânticos da palavra *haimalōps* a partir de seus registros desde Hipócrates até Galeno, atestada também em Areteu de Capadócia, para quem esta palavra é um hipocratismo, de modo que o atinado reexame permite enriquecer os dados dos dicionários de referência e assim propor uma evolução do sentido dessa palavra cuja história nos é desconhecida. Jouanna propugna que a palavra designa um uso técnico da língua médica e de um hipocratismo em Areteu concernente a uma realidade médica ligada a um dos humores relevantes da medicina hipocrática, relativo ao sangue, buscando investigá-la diacronicamente a partir do *Corpus Hippocraticum*, tendo antes arrolado suas escassas referências em dicionários como o inglês *Liddell & Scott-Jones* e o espanhol *Adrados*, assim como os etimológicos conspícuos como o *Griechisches Etymologisches Wörterbuch* de Hjalmar Frisk e o *Dictionnaire étymologique de la langue grecque* de Pierre Chantraine. De acordo com o autor, afere-se, desde a etapa do recenseamento do texto em Hipócrates, a necessidade imperiosa, sobretudo em casos de palavras raras, de fundar toda pesquisa lexicológica ou linguística na história do texto, de modo que, pelo exame de quatro passagens da coleção hipocrática onde o termo *haimalōps* aparece, Jouanna infere duas definições precisas, correlatas, de um lado, ao aspecto patológico do sangue, entendido como “sangue negro e granuloso” e, de outro, ao seu sentido amplo, sinônimo de *haïma*, “sangue”, atestado no *De Natura Pueri*. Configura-se a definição do termo mais precisamente em Areteu de Capadócia, em que *haimalōps* se revela como um sangue negro, espesso e granuloso (*sang noir, épais et grumeleux*) em contraposição ao sangue vermelho, fluido, tênue (*sang rouge, fluide et ténu*), destacando a oposição entre os aspectos mórbido e saudável do sangue. Se os empregos de Areteu de Capadócia de uma palavra hipocrática permitem por sua precisão enriquecer nossa compreensão do texto de Hipócrates e, por conseguinte, refinar seu significado, isso se deve ao fato de que os hipocratismos de Areteu não constituem meramente um empréstimo literário artificial, mas são entendidos, antes, como instrumentos de análise médica, sentencia Jacques Jouanna.

Em *Variationi Dottrinali nell'anatomia di Galeno*, Ivan Garofalo nos remete à edição crítica da obra anatômica do médico de Pérgamo *De musculorum dissectione*, salientando suas variações doutrinárias. Cotejando três textos anatômicos de Galeno de extrema relevância em seu *corpus*, o *De musculorum dissectione*, o *Anatomicae administrationes* e o *De usu partium*, Garofalo circuns-

creve-os a fim de explicitar as funções de dois músculos vitais, o *psaos* e o *pectíneo*, examinando as suas origens na estrutura anatômica.

Juan Antonio López Férez em *Algunos términos retóricos en Galeno* visa reconstituir a permanência de relevantes términos atestados no discurso retórico do médico de Pérgamo, remetendo-os a outros autores que também os empregaram, como, por exemplo, o substantivo *brachylogía*, registrado em Platão, Pseudo-Demétrio, Diodoro de Sicília, Dionísio de Halicarnaso, Filón, Pólux, Filóstrato, e, por sua vez, utilizado por Galeno a fim de, por um lado, comentar os escritos hipocráticos ou teorias do conspícuo médico junto com opiniões de Platão, evidenciado em seis exemplos no *De placitis Hippocratis et Platonis* e, por outro, explicitar ideias e postulados próprios. Férez seleciona as principais sequências do vocábulo citado, ressaltando os comentários galênicos aos *Aforismos* hipocráticos, reconhecendo que a braquilogía, nos escritos médicos, entendida como condição para o emprego de aforismos, pode conduzir à obscuridade, induzindo à incompreensão de certas prescrições médicas, assim como o uso da braquilogía de um aforismo pode tornar obscuro o conteúdo aos não iniciados na literatura médica, prejudicando sua reta apreciação. Se nos *Aforismos* a braquilogía é objeto de vitupério, nos comentários galênicos ao tratado hipocrático *De officina medici* é objeto de encômio, merecendo o elogio do exegeta, já que revela o caráter de concisão do emprego do substantivo, auxiliando na clareza do tema proposto. Do mesmo modo, o adjetivo *brachylógos*, em sentido positivo, é atestado desde Platão, atribuído à Lacedemônia em face de Atenas, sendo posteriormente registrado em Diodoro de Sicília, Plutarco e Pólux. Assim, à natureza braquilogica das explicações (*didaskaliai*) de Hipócrates, que descrevera concisamente a pleurexia de Anaxión, se contrapõe a loquacidade de Erasístrato e de seus seguidores em seus escritos sobre anatomia e fisiologia. No que tange à *makrología*, contraexemplo da *brachylogía*, seu uso é atestado em autores como Platão, Isócrates, Aristóteles, Pseudo-Demétrio, Filon, Pólux, Élio Herodiano, sendo amplamente difundido por Galeno em conformidade com o *Thesaurus*. Reconhecidamente objeto de opróbrio entre os antigos, a *makrología* sob a perspectiva do sofisma carrega a *obscuridade*, vista como corrupção total da dicção, assim como a *ambiguidade*, cujo substantivo neutro é aferido em Aristóteles, *ambíguo* (*tò dittón*), podendo ocasionar também a *deficiência* (éndeia), entendida pelos retóricos como contraparte do *pleonasma* e evidenciada a partir de Tucídides e, sobretudo, Platão. Por sua vez, o adjetivo *makrológos* é registrado em Epicarmo, Platão, Pseudo-Demétrio, Apiano, Pólux, Filóstrato e Amônio, enquanto o verbo *makrologéō* é verificado em Hipócrates, Isócrates, Xenofonte, Platão, Demóstenes, Êsquines, Hipérides, Políbio, Diodoro de Sicília, Dionísio de Halicarnasso, Filon, Plutarco e Galeno. Pleiteando a economia do discurso, a fim de não se prolon-

gar em demasia nas explanações terapêuticas, Galeno se previne, de acordo com Férez, em relação aos possíveis reproches que advêm do uso retórico da *makrología*, concedendo relevância argumentativa à escola estoica, cujas formulações sobre a alma, o sêmen, correlato, no plano discursivo ao *lógos spermatikós*, o pulso e a voz de Zenão de Cítio, patrono do estoicismo, são recorrentes na obra galênica, evitando exceder-se discursivamente, reprovando os sofistas, hábeis no manejo da *makrología*, *tópos* precípuo dos *Diálogos* platônicos, particularmente no *Sofista*, em que à prolixidade se contrapõe para o Estrangeiro de Eleia a dialética. O médico de Pérgamo se perfila ao lado de Platão, vituperando contra aqueles que se atrevem a discutir sobre assuntos bem conhecidos, querendo ensinar sem conhecer a matéria que visam transmitir, e contra os falsos mestres de retórica, amantes excessivos da palavra e pouco estudiosos da disciplina que aparentemente professam, referindo-se especificamente à crítica de Agatino de Esparta e de Baqueo de Tanagra aos escritos do médico Filonides de Sicília.

Germán Santana Henríquez em *Estudio semántico de los compuestos con el prefixo δυσ- en Galeno, especialmente en el tratado sobre la composición de los medicamentos según los lugares* visa, mediante os estudos pioneiros da semântica do grego antigo da escola alemã de Leo Weisgerber, pautada na *Sprachinhaltsforschung*, investigação do conteúdo linguístico, e da semântica estrutural funcional ou lexemática de Eugenio Coseriu, analisar a gênese de determinadas palavras compostas na língua grega, aplicando o esquema weisgerberiano das quatro fases de investigação linguística, correlatas à forma (*Gestalt*), ao conteúdo (*Inhalt*), ao rendimento (*Leistung*) e à efetividade (*Wirkung*). A primeira das fases, *Gestalt*, intenta, para Henríquez, analisar uma série de problemas relacionados com os aspectos fonéticos e materiais do prefixo *δυσ-*, cuja etimologia nos manifesta as acepções de maldade, dificuldade, imperfeição, moléstia, de par com as negações, falta, privação e intensidade e cuja partícula apresenta paralelos e correspondências em diversas línguas indoeuropeias. Relativo ao conteúdo (*Inhalt*), Galeno busca elucidar, mediante seu princípio de *saphêneia*, claridade de expressão, vários significados do referido prefixo, presentes na doutrina hipocrática e mantidos em seu *corpus*, exemplificados por disenteria, ulceração intestinal, discinesia, movimento árduo ocular, discrasia, afecção generalizada, disorexia, apetência débil, disúria, urinar com dor, dispepsia, alteração defeituosa, distânatos, dificuldade em morrer et allii. A terceira fase relativa ao rendimento (*Leistung*) deslinda as capacidades produtoras para a formação de palavras e compostos linguísticos necessários à constituição de uma terminologia médica, ao passo que a quarta fase correlata à efetividade (*Wirkung*) expõe os diversos modos de expressão que repercutem no uso linguístico desses compostos, designada, por esse mecanismo, de estilística, haja vista que exa-

mina o prefixo nos tratados galênicos por meio do sinônimo, do antônimo (*enantíōsis*), da polissemia e de figuras retóricas como o oxímoro.

Em *Galeno: la Odontoestomatología, avance y retroceso*, María del Carmen García Sola aborda determinados aspectos da patologia e medicina bucal aferidos na obra galênica, adstritos ao campo da odontoestomatologia, ressaltando não haver até o Renascimento escritos específicos que tratam do tema da boca devido ao caráter uno da medicina antiga avessa às especializações, visando reconstituir na extensa produção do médico de Pérgamo, especialmente em suas obras fisiológicas, anatômicas e de patologia, as referências à estrutura bucal e às suas enfermidades.

Luis Miguel Pino Campos em *Apuntes en torno a la esfigmologia galênica: la Sinopsis* examina a prática médica da esfigmologia, investigada em textos da Antiguidade, Medieval e Renascimento, entendida pelos estudiosos ora como um tratamento lógico, nem sempre experimental, ora como um tratamento místico, muito pouco científico, elencando, destarte, os sete tratados autênticos de Galeno sobre o pulso, havendo quatro considerados espúrios. Expõe-se no artigo uma síntese de alguns dos conspícuos estudos sobre o referido tema, cujo pioneiro se refere à análise de Otto Schadewaldt, entendida como um adequado ponto de partida pelo rigor científico com que trata as diferentes tendências da esfigmologia no devir histórico, promovendo uma ampla compilação das doutrinas sobre o pulso, desenvolvidas até o século xv, verificando-se de modo incipiente na épica homérica a existência do pulso, atestada nos versos da *Ilíada*, xxii, 452, *stêthesi pálletai êtor*, “o coração palpita em meu peito”, e 461, *palloménē kradiên*. Schadewaldt reconstituiu a gênese da esfigmologia, sedimentada no *corpus hippocraticum*, de modo que o termo grego *sphugmós*, “pulsação”, parece designar, em princípio, um movimento *praeternatural*. Galeno atribui em *De pulsum differentia*, livro i, capítulo ii, a Hipócrates o interesse científico pelo pulso, tendo sido Praxágoras o primeiro autor a distinguir veias de artérias, podendo lhe atribuir o início da esfigmologia. Erasítrato, da escola alexandrina, seguiu os ensinamentos de Praxágoras, propugnando a força vital no coração, a força psíquica no cérebro e o movimento pulsatório das artérias no trabalho dinâmico do próprio coração.

Na quarta seção concernente ao estilo, José Miguel García Ruiz em *El estilo en el comentario a Sobre la Dieta sana de Galeno* circunscreve seu trabalho na análise do estilo (*lêxis/elocutio*) como parte integrante da retórica literária, efetuando o discripe dos tropos, das figuras e da composição no referido tratado, salientando de que modo se manifesta no estilo deste *hypómnēma a saphêneia*, clareza, principal virtude da prosa galênica, de sorte que o resultado alcançado por Galeno, mediante esse recurso aplicado aos *Comentários aos aforismos de Hipócrates*, se concretiza em uma expressão equilibrada a ser-

viço da pretensão platônica de realizar a crítica de toda *dóxa* presente no discurso de seus predecessores, precisamente no *corpus* hipocrático.

Elsa García Novo em *Tiempo, descripción y narración en el tratado de Galeno De Inaequali intemperie* visa explicitar algumas peculiaridades do estilo e da estrutura do mencionado tratado. Por meio do estudo da discrasia heterogênea, que afeta o corpo vivente, o discurso médico incorpora tanto a descrição intemporal expressa pelo verbo existencial, atendo-se ao espaço, quanto a narração, vinculada ao tempo e manifesta por *gígnomai*, implicando um processo, de modo que o cruzamento entre tempo e espaço produz uma sequência de realidade, convertendo-se em um fato singular e não genérico, explicado no processo de enfermidade, entendida como sequência que pode ser narrada, porquanto processo implica temporalidade. Portanto, o emprego de *gínetai* referindo-se à discrasia heterogênea ou anômala (*anómalos dyskrasía*) nos revela a gênese da enfermidade, acentuando o estilo narrativo do autor. Operando com os tempos verbais, pretérito, futuro e presente real, Galeno delimita o sentido da argumentação, exemplificado em I, 24, pela referência a uma oração final com subjuntivo (*hína dè saphè̄s ho lógos génētai, para que o texto resulte claro*), funcionando de prólogo imediato a uma descrição anatômica, em que *lógos génētai* evidencia o progressivo desenvolvimento da exposição, implicando o tempo para a realização do tratado.

Em *Ironía y Burla: el humor ácido de Galeno* Santiago Rubio-Fernaz escrutina o sentido do humor para o médico de Pérgamo subordinado ao debate científico e literário, concebido como ágon oratório, em que, pela emulação e pelo recurso *ad hominem*, surgem vencedores e vencidos. Galeno, manejando a ironia e o humor, não visa provocar a risibilidade e a derrisão, próprias da bufonaria cômica, mas busca empregá-las em função de seus propósitos retóricos e argumentativos, uma vez que as demonstrações e os debates públicos, diatribes ou simples torneios oratórios eram extraordinariamente populares no período da Segunda Sofística, representando um dos meios comumente empregados pelos intelectuais da época para dar a conhecer suas ideias e descobrimentos, responder às críticas e, em geral, inserir-se no diálogo e na polêmica com seu público e com os outros autores. Rubio-Fernaz intenta oferecer uma amostra dos recursos retóricos utilizados por Galeno em suas observações e digressões humorísticas, manifestando a suposta inferioridade de seus rivais na contenda pela introdução tanto de interpelações quanto de alusões irônicas às suas aparentes e fugidias sabedorias, desvelando suas falsas opiniões. Asclepiades, alvo favorito da ironia e burla galênica, merece ser escutado e admirado por sua sabedoria (*áxios akoúsai kai thaumásai tandròs tèn sophían*) e, pela mesma razão, chamado *thaumastós*, ao passo que Erasístrato, quando ridicularizado acidamente e vituperado ferozmente, é denominado *gennaíos, gennaiótatos* e *sophótatos*. Galeno emprega o sarcasmo com licenciosi-

dade, agressividade e eficácia para atacar e ridicularizar todo tipo de pessoas e ideias, mirando seu ataque ao estilo rebuscado e ornado de alguns autores, dentre os quais Asclepiades e Erasítrato, em detrimento do estilo simples e natural, definido pela linguagem técnico-científica.

Concluindo a obra em uma seção suplementar, Anna Maria Ieraci Bio em *Astrologia e Medicina nella polemica fra Manuele I Comneno e Michele Glica* apresenta a querela existente em Bizâncio no século XII sobre a compatibilidade ou não da astrologia com a ortodoxia cristã. Não obstante, a Igreja se pronunciasse contra a prática astrológica, ela persistiu em Bizâncio na classe mais elevada, havendo a tentativa de inserí-la no âmbito da ciência, legitimando-a e a conciliando com a ortodoxia. Manuele I Comneno visa conciliar a astrologia com a doutrina cristã a partir das bases do testemunho escritural e patrístico, já que a prática astrológica não é herética, mas esto-cástica, pois a palavra final sobre todas as coisas cabe a Deus. Respeitando a providência divina, o douto reconhece o liame entre o poder astral, regido pela teodiceia, e sua influência em nosso corpo mediante a teoria dos humores, de sorte que o uso apropriado da arte astrológica não é ímpia, pautada, de acordo com Manuele, na *hiatromathēmatikē*, medicina astrológica, propugnando pela *sympátheia* universal a afinidade entre o organismo, o medicamento e os astros. Reconhece-se em um escrito pseudo-epigráfico atribuído ao matemático e astrônomo egípcio Claudio Ptolomeu, um florilégio de cem aforismos, uma das fontes da *hiatromathēmatikē*, cuja fortuna ocidental data do século XII. Manuele I Comneno interpreta o primeiro aforismo, evidenciando o influxo dos planetas na compleição física e de que modo a ação lunar, com sua estreita vizinhança com a terra, emana os vapores úmidos para dar vigor corpóreo, auxiliando no tratamento de inflamações e reumatismos, com o apoio da natureza. Revelando o poder indicativo e não causal dos astros, salvaguardando o livre arbítrio, Manuele usa um exemplo da medicina, correlata à distinção aristotélica entre a potência e o ato do sêmen, a fim de elucidar os intercursos sexuais, origem do nascimento do homem pelos conúbios legítimos, regido pela *dēmiourgikē prónoia* divina e pela lei natural, de modo que o abuso da relação sexual (*tês synousías*) contra a lei e contra o comando de Deus incide o homem no pecado. Michele Glica, teólogo ortodoxo, se posiciona adverso às teses defendidas pelo imperador Manuele I Comneno, contestando a ideia do poder indicativo e não causal dos astros, revelador do destino assim como a ideia do influxo astral sobre a terra, baseada na tese das propriedades benfazejas e temperadas de Júpiter, devido sua posição intermediária entre Saturno, frio e seco para prescritiva ptolomeica, e Marte, por sua vez, quente e seco. Para Michele Glica, a posição intermediária de Júpiter não carrega qualidades benéficas para o equilíbrio humoral, como preceituara Claudio Ptolomeu, porém efeitos insalubres por

causa da miscibilidade entre o quente e o frio, invocando a autoridade de Hipócrates e Galeno, para quem a mistura entre o quente e o úmido não engendra a boa *diatésis* corpórea, todavia é causa da putrefação de nosso organismo. A cosmovisão astrológica ptolomaica do influxo astral repousa na teoria aristotélica dos quatro humores correlatos às quatro qualidades elementares, fundamento para o campo médico da doutrina humoral, atestada no *De natura hominis* do *Corpus Hippocraticum* e corroborada por Galeno, firmando o núcleo do saber hipocrático coerente com o rígido esquema quaternário, de profícua fortuna no Medievo. Das quatro qualidades fundamentais, para Ptolomeu, são positivas, conforme ressaltado, o quente e o úmido, produzindo influências caloríficas, ao passo que a teoria galênica expressa em *De temperamentis* professa o equilíbrio humoral para a boa compleição física. A proponência hipocrático-galênica da harmonia dos humores remete à concepção pitagórico-itálica da isonomia dos elementos, formulada explicitamente por Alcmeón de Crotona, reprochando a monarquia de um sobre outro, enquanto a defesa ptolomaica da superveniência dos pares quente e úmido sobre o frio e seco retoma a distinção aristotélica, elaborada na *Política*, entre as potências ativas, *poietikà dynaméis*, e potências passivas, *pathe-tikà dynaméis*, expressando as fontes argumentativas, respectivamente, de Manuele I Commeno e Michele Glica.

Tecendo um amplexo de análises, filológicas, linguísticas, filosóficas, científicas, literárias, retóricas, que recobre a vasta produção textual de Galeno, a obra nos apresenta, sob a coordenação do Prof. Juan Antonio López Férez, a profícua contribuição do *corpus* do médico de Pérgamo para o aprimoramento das Ciências dos Estudos Clássicos, evidenciando o caráter multifacetado e plural dos artigos, que dialoga tanto com a dimensão especulativa da medicina grega, por vezes cindida na contemporaneidade pela divisão entre *Naturwissenschaften* e *Geisteswissenschaften*, quanto com a ambiência histórica da cultura romana pertinente à Segunda Sofística, demonstrando que a hermenêutica dos textos antigos impescinde dos nexos entre as esferas mítica e racional, política e cultural, retórica e epistêmica. Das múltiplas interpretações da teoria galênica sobre a natureza do mito, do discurso, da ciência, da filosofia, ligada, para empregarmos uma expressão de Robert Joly, à antropologia dietética emerge uma acurada compreensão do saber antigo, impescindível para o que contemporaneamente denominamos, nos parâmetros fornecidos pelo pensamento filosófico, conhecimento e imagem de si.